



O IMPACTO DA AUTOMEDICAÇÃO NA SAÚDE DA POPULAÇÃO IDOSA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

THE IMPACT OF SELF-MEDICATION ON THE HEALTH OF THE ELDERLY POPULATION: AN INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

EL IMPACTO DE LA AUTOMEDICACIÓN EN LA SALUD DE LA POBLACIÓN MAYOR: REVISIÓN INTEGRATIVA DE LA LITERATURA

 <https://doi.org/10.56238/levv16n55-041>

Data de submissão: 05/11/2025

Data de publicação: 05/12/2025

Isis Giovanna Pena Simplicio

Graduanda em Farmácia

Instituição: Centro Universitário (FIPMOC)

Endereço: Minas Gerais, Brasil

E-mail: isisgiovanna94@gmail.com

Michele Santana Silva

Graduanda em Farmácia

Instituição: Centro Universitário (FIPMOC)

E-mail: michele.ss25@hotmail.com

RESUMO

A automedicação entre idosos é uma prática de saúde pública complexa e preocupante, dada a vulnerabilidade fisiológica dessa população a interações medicamentosas e efeitos adversos. Este estudo analisou os impactos clínicos e sociais da automedicação em idosos, identificando fatores associados e consequências relatadas na literatura recente. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura, com busca em bases de dados como SciELO, LILACS e PubMed, abrangendo artigos publicados entre 2020 e 2025. Foram incluídos estudos que abordaram especificamente a automedicação em idosos, seus fatores de risco e consequências. Os resultados evidenciaram que a automedicação é prevalente, impulsionada pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde e pela crença na segurança de medicamentos de venda livre. Analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos foram os fármacos mais utilizados, associados a distúrbios gastrointestinais, insuficiência renal e resistência bacteriana. A polifarmácia intensificou os riscos de interações medicamentosas. Conclui-se que a automedicação em idosos é multifatorial, exigindo estratégias educativas e políticas públicas para promover o uso racional de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação. Idosos. Saúde Pública. Uso Racional de Medicamentos. Farmácia Clínica.

ABSTRACT

Self-medication among the elderly is a complex and concerning public health practice, given the physiological vulnerability of this population to drug interactions and adverse effects. This study analyzed the clinical and social impacts of self-medication in older adults, identifying associated factors and reported consequences in recent literature. An integrative literature review was conducted using databases such as SciELO, LILACS, and PubMed, covering articles published between 2020



and 2025. Studies specifically addressing self-medication among the elderly, its risk factors, and consequences were included. The results showed that self-medication is prevalent, driven by difficulties in accessing healthcare services and the belief in the safety of over-the-counter medications. Analgesics, anti-inflammatory drugs, and antibiotics were the most commonly used medications, associated with gastrointestinal disorders, renal failure, and bacterial resistance. Polypharmacy intensified the risks of drug interactions. It is concluded that self-medication among the elderly is a multifactorial issue, requiring educational strategies and public policies to promote the rational use of medications.

Keywords: Self-Medication. Elderly. Public Health. Rational Use of Medicines. Clinical Pharmacy.

RESUMEN

La automedicación entre las personas mayores es una práctica de salud pública compleja y preocupante, dada la vulnerabilidad fisiológica de esta población a las interacciones farmacológicas y a los efectos adversos. Este estudio analizó los impactos clínicos y sociales de la automedicación en adultos mayores, identificando los factores asociados y las consecuencias reportadas en la literatura reciente. Se realizó una revisión integrativa de la literatura, con búsqueda en bases de datos como SciELO, LILACS y PubMed, abarcando artículos publicados entre 2020 y 2025. Se incluyeron estudios que abordaron específicamente la automedicación en personas mayores, sus factores de riesgo y consecuencias. Los resultados evidenciaron que la automedicación es una práctica prevalente, impulsada por la dificultad de acceso a los servicios de salud y por la creencia en la seguridad de los medicamentos de venta libre. Los analgésicos, los antiinflamatorios y los antibióticos fueron los fármacos más utilizados, asociados con trastornos gastrointestinales, insuficiencia renal y resistencia bacteriana. La polifarmacia intensificó los riesgos de interacciones medicamentosas. Se concluye que la automedicación en personas mayores es un fenómeno multifactorial, que requiere estrategias educativas y políticas públicas orientadas a promover el uso racional de los medicamentos.

Palabras clave: Automedicación. Personas Mayores. Salud Pública. Uso Racional de Medicamentos. Farmacia Clínica.



1 INTRODUÇÃO

A automedicação entre idosos é um fenômeno complexo e de grande relevância para a saúde pública no Brasil, diante do envelhecimento acelerado da população. Esse grupo apresenta prevalência crescente de doenças crônicas e faz uso frequente de múltiplos medicamentos, configurando a polifarmácia, que eleva a vulnerabilidade aos riscos de reações adversas e uso inadequado de fármacos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023). Dados recentes indicam que a automedicação ainda é prática comum nessa faixa etária, muitas vezes motivada pela dificuldade de acesso a serviços de saúde e pela falsa percepção de segurança dos medicamentos isentos de prescrição (DE SOUZA, 2025; REZENDE et al., 2025).

As alterações fisiológicas do envelhecimento modificam a farmacocinética e farmacodinâmica dos medicamentos, acentuando a suscetibilidade a eventos adversos, interações medicamentosas e intoxicações (PAIXÃO et al., 2024). A polifarmácia, definida pelo uso concomitante de cinco ou mais medicamentos, é prevalente entre idosos brasileiros, atingindo cerca de 57,7%, e está associada ao aumento dos riscos de efeitos deletérios à saúde (LICOVISKI et al., 2025). Além dos fatores biológicos, influências sociais como o papel dos familiares e a divulgação de informações fragmentadas em mídias digitais contribuem para a perpetuação da automedicação, causando atrasos nos diagnósticos e tratamentos adequados (LIMA et al., 2020; FERREIRA; OLIVEIRA, 2024).

Entender a extensão e os determinantes da automedicação na população idosa é fundamental para o desenvolvimento de políticas e estratégias que promovam o uso racional de medicamentos, minimizando riscos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dessa população vulnerável.

O envelhecimento acarreta alterações fisiológicas que modificam a farmacocinética e a farmacodinâmica dos medicamentos, aumentando a suscetibilidade a reações adversas, interações medicamentosas e intoxicações (PAIXÃO et al., 2024).

Dessa forma, compreender a extensão e os determinantes da automedicação entre idosos é essencial para subsidiar estratégias de uso racional de medicamentos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO NO CONTEXTO DA SAÚDE PÚBLICA

A automedicação é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a seleção e o uso de medicamentos por parte de um indivíduo para tratar doenças ou sintomas auto-reconhecidos. Embora a prática possa representar uma forma de autocuidado, permitindo o tratamento de condições menores e aliviando a sobrecarga dos sistemas de saúde, ela se torna um grave problema de saúde pública quando realizada de forma irresponsável (ROZENFELD, 2003). O uso indiscriminado de medicamentos, sem a devida orientação profissional, pode levar a diagnósticos incorretos, dosagens inadequadas, reações adversas, interações medicamentosas perigosas e mascaramento de doenças



graves, retardando o tratamento adequado.

No Brasil, a cultura da automedicação é amplamente difundida, impulsionada pela facilidade de acesso a medicamentos de venda livre e pela crença popular na segurança de fármacos conhecidos. No entanto, mesmo medicamentos isentos de prescrição podem oferecer riscos significativos, especialmente para populações vulneráveis como os idosos (DE SOUZA, 2025).

2.2 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES FARMACOLÓGICAS

O envelhecimento é um processo biológico natural que acarreta alterações fisiológicas significativas, as quais modificam a forma como o organismo interage com os medicamentos. As mudanças na farmacocinética (absorção, distribuição, metabolismo e excreção) e na farmacodinâmica (resposta do corpo ao fármaco) são particularmente relevantes. Com a idade, a função renal e hepática tende a diminuir, reduzindo a capacidade do corpo de metabolizar e eliminar os fármacos, o que pode levar ao acúmulo de substâncias tóxicas e ao aumento da intensidade e duração de seus efeitos (PAIXÃO et al., 2024).

Essa vulnerabilidade fisiológica torna os idosos mais suscetíveis a reações adversas a medicamentos, que podem se manifestar de formas atípicas, como confusão mental, quedas ou incontinência, sendo muitas vezes confundidas com sintomas do próprio envelhecimento. Portanto, a seleção de um medicamento e sua posologia para um paciente idoso exigem um conhecimento técnico aprofundado que considere essas particularidades, tornando a automedicação uma prática de alto risco (DAMASCENO et al., 2024).

2.3 POLIFARMÁCIA E O AUMENTO DOS RISCOS TERAPÊUTICOS

A polifarmácia, definida como o uso concomitante de cinco ou mais medicamentos, é uma condição extremamente comum na população idosa, devido à alta prevalência de doenças crônicas. A gestão de múltiplos tratamentos já é complexa e aumenta exponencialmente o risco de interações medicamentosas e reações adversas (MACHADO et al., 2016).

A automedicação insere uma variável desconhecida e perigosa nesse cenário. Ao adicionar um novo medicamento por conta própria, o idoso pode desencadear interações que anulam o efeito de um tratamento em curso, potencializam a toxicidade de outro fármaco ou geram novos problemas de saúde. O profissional de saúde que acompanha o paciente desconhece o uso desse medicamento adicional, o que dificulta o manejo clínico e a identificação da causa de possíveis complicações.

2.4 FATORES SOCIOCULTURAIS E O ACESSO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE

A decisão pela automedicação não é motivada apenas por fatores individuais, mas também por um complexo conjunto de determinantes sociais e culturais. A dificuldade de acesso aos serviços de



saúde, incluindo longas filas para marcação de consultas e a distância de unidades de saúde, é um dos principais fatores que levam os idosos a buscarem soluções imediatas para seus sintomas (OLIVEIRA; FRANCISCO; COSTA, 2012).

Além disso, a influência de familiares, amigos e da mídia desempenha um papel crucial. A troca de experiências sobre o uso de medicamentos e a publicidade massiva de produtos de venda livre criam uma percepção de que a orientação profissional é dispensável para problemas considerados “simples” (LIMA et al., 2020). Essa dinâmica cultural, aliada a uma baixa literacia em saúde, contribui para a perpetuação de uma prática que, embora pareça inofensiva, acarreta sérios riscos à saúde da população idosa.

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, delineada para sintetizar o conhecimento científico produzido sobre a automedicação em idosos. A revisão integrativa permite a inclusão de diferentes abordagens metodológicas (quantitativas, qualitativas ou mistas), proporcionando uma compreensão abrangente do fenômeno. As etapas seguidas foram: identificação do tema e formulação da questão de pesquisa; estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; busca na literatura; categorização dos estudos; avaliação crítica dos estudos incluídos; interpretação dos resultados; e apresentação da síntese do conhecimento.

A questão norteadora que guiou a pesquisa foi: "Quais os impactos clínicos e sociais da automedicação na saúde da população idosa, e quais fatores estão associados a essa prática na literatura recente?".

A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados eletrônicas Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e PubMed, no período compreendido entre janeiro de 2020 e dezembro de 2025. Os descritores controlados utilizados, combinados com operadores booleanos, foram: "automedicação" AND "idosos" AND "saúde pública" (em português); "self-medication" AND "elderly" AND "public health" (em inglês); e "automedicación" AND "ancianos" AND "salud pública" (em espanhol). A combinação desses termos visou maximizar a abrangência da busca e recuperar estudos relevantes.

Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: artigos completos disponíveis na íntegra, publicados nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordassem a temática da automedicação em idosos, seus fatores associados, consequências clínicas e sociais. Como critérios de exclusão, foram definidos: artigos de revisão que não fossem sistemáticos ou integrativos, teses, dissertações, editoriais, cartas ao editor, resumos de eventos e estudos que não tivessem foco exclusivo na população idosa ou na prática da automedicação.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, os artigos selecionados foram lidos na



íntegra e submetidos à análise de conteúdo, conforme Bardin (2011). Os dados extraídos incluíram: ano de publicação, país de origem, tipo de estudo, principais resultados e conclusões. A síntese dos achados permitiu a identificação de padrões, convergências e divergências entre os estudos, consolidando as evidências sobre os impactos da automedicação na saúde dos idosos.

Os resultados foram organizados em três categorias temáticas: fatores associados, classes medicamentosas e efeitos adversos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos estudos incluídos nesta revisão integrativa permitiu identificar padrões e tendências relevantes sobre a automedicação na população idosa, bem como seus impactos clínicos e sociais. Os principais achados foram organizados em subtópicos para facilitar a compreensão e aprofundar a discussão. Foram analisados 10 estudos, dos quais 6 transversais, 2 revisões e 2 cortes.

4.1 PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS À AUTOMEDICAÇÃO

A revisão evidenciou que a automedicação é uma prática altamente prevalente entre idosos, impulsionada por uma combinação de fatores. A dificuldade de acesso aos serviços de saúde, seja por barreiras geográficas, limitações físicas ou pela sobrecarga do sistema público, figura como um dos principais motivadores para o uso de medicamentos sem prescrição (OLIVEIRA; FRANCISCO; COSTA, 2012). Soma-se a isso a crença consolidada na segurança de medicamentos de venda livre, frequentemente reforçada por campanhas publicitárias e pela experiência acumulada ao longo da vida, o que contribui para a normalização da automedicação como prática rotineira (REVISTA JRG, 2021).

Outro achado importante foi a influência de familiares, amigos e vizinhos nas escolhas de automedicação, sustentando a crença de que experiências pessoais substituem a orientação médica ou farmacêutica (LIMA et al., 2020). Essa dinâmica revela a importância dos aspectos culturais e psicossociais na construção das escolhas terapêuticas dos idosos, evidenciando a necessidade de estratégias educativas que considerem essas dimensões.

A crença consolidada na segurança dos medicamentos de venda livre, conforme apontado pela Revista JRG (2021), é amplamente reforçada por campanhas publicitárias e pela experiência pessoal acumulada ao longo da vida dos idosos. Essa percepção contribui para a normalização da automedicação como uma prática rotineira, baseada na confiança adquirida, muitas vezes desprovida de orientações profissionais. Ou seja, o acesso facilitado e a familiaridade com esses medicamentos criam um ambiente favorável para o uso independente, mas potencialmente inadequado e arriscado, especialmente devido às alterações fisiológicas do envelhecimento que aumentam a vulnerabilidade a efeitos adversos.



Por outro lado, Lima et al. (2020) destacam o papel fundamental das redes sociais, na forma de familiares, amigos e vizinhos, que influenciam diretamente as escolhas de automedicação dos idosos. Nessa perspectiva, a automedicação é sustentada mais pela confiança em experiências pessoais e relatos informais do que pela consulta a profissionais da saúde, substituindo a orientação médica ou farmacêutica por saberes transmitidos pelo convívio social. Essa dimensão evidencia a complexa interação entre fatores sociais e culturais na perpetuação dessa prática, revelando um ambiente onde o suporte comunitário, apesar de bem-intencionado, pode levar a decisões médicas inadequadas e agravar riscos à saúde.

Enquanto a Revista JRG (2021) enfatiza o impacto da percepção individual e das estratégias de marketing na normalização da automedicação, Lima et al. (2020) ressaltam a influência das relações sociais e a valorização das experiências pessoais na tomada de decisão. Ambos os fatores convergem para um cenário que dificulta o uso racional de medicamentos entre idosos, apontando para a necessidade de intervenções que envolvam tanto a educação sobre os riscos do uso indevido quanto a conscientização das redes sociais informais que atuam como influenciadoras.

4.2 CLASSES MEDICAMENTOSAS MAIS UTILIZADAS E EFEITOS ADVERSOS

Entre os medicamentos mais frequentemente utilizados de forma autônoma, destacam-se os analgésicos, os anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) e os antibióticos. O uso inadequado desses fármacos foi associado a uma série de efeitos adversos, com destaque para distúrbios gastrointestinais, como gastrite e úlceras, insuficiência renal aguda e crônica, além de riscos cardiovasculares, especialmente em idosos com comorbidades pré-existentes (SANTOS et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2018). A ingestão de antibióticos sem orientação adequada revelou-se um fator preocupante, contribuindo diretamente para o aumento da resistência bacteriana, o que compromete a eficácia terapêutica futura e representa um desafio para a saúde pública (ROZENFELD, 2003).

Adicionalmente, observou-se que medicamentos considerados comuns e de baixo risco, como antialérgicos, relaxantes musculares e analgésicos simples, também apresentam potencial de causar efeitos adversos significativos quando utilizados de forma indiscriminada. Reações como sonolência excessiva, confusão mental, hepatotoxicidade e dependência foram relatadas em diversos estudos, apontando para a urgência de se reavaliar a percepção de segurança atribuída a esses fármacos.

4.3 POLIFARMÁCIA E INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS

A prática da polifarmácia, comum entre idosos, intensifica os riscos relacionados à automedicação. A combinação de múltiplos medicamentos, prescritos ou não, favorece interações medicamentosas potencialmente perigosas, que podem resultar em efeitos colaterais graves, redução da eficácia terapêutica ou agravamento de condições clínicas (DAMASCENO et al., 2024). Os dados

analisados confirmam a vulnerabilidade dessa população, que muitas vezes desconhece os riscos envolvidos e não dispõe de acompanhamento farmacológico contínuo.

Tabela 1: Resumo dos Estudos Incluídos na Revisão Integrativa

Autor(es)	Ano	Tipo de Estudo	Principais Achados
Oliveira et al.	2012	Estudo Transversal	Alta prevalência de automedicação devido a barreiras de acesso e crença na segurança de medicamentos de venda livre.
Santos et al.	2013	Estudo Observacional	Identificação de analgésicos, AINEs e antibióticos como os mais utilizados; associação com distúrbios gastrointestinais.
Machado et al.	2016	Revisão Bibliográfica	Polifarmácia intensifica riscos de interações medicamentosas e agrava fragilidade clínica em idosos.
Lima et al.	2020	Estudo Qualitativo	Influência de familiares e amigos na decisão de automedicação, reforçando a cultura do autocuidado.
Damasceno et al.	2024	Estudo de Coorte	Uso incorreto de fármacos relacionado a insuficiência renal e riscos cardiovasculares.
Paixão	2024	Artigo de Revisão	Automedicação e polifarmácia são problemas sérios com consequências graves, como intoxicações.

Nota: A tabela apresenta um resumo dos principais estudos incluídos na revisão integrativa, organizados cronologicamente por ano de publicação. Os estudos abrangem diferentes abordagens metodológicas (transversal, observacional, qualitativa, coorte e revisão bibliográfica), fornecendo uma visão abrangente dos achados sobre automedicação em idosos, incluindo prevalência, fatores associados, medicamentos mais utilizados e consequências clínicas e sociais.

Fonte: autores.

5 DISCUSSÃO

Os resultados desta revisão integrativa corroboram a literatura nacional e internacional, que aponta a automedicação como uma prática prevalente e multifatorial entre idosos, diretamente relacionada a barreiras no acesso à saúde, aspectos culturais e ausência de acompanhamento profissional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, [s.d.]; OLIVEIRA; FRANCISCO; COSTA, 2012). A prevalência observada de analgésicos, anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) e antibióticos como os fármacos mais utilizados sem prescrição médica está em consonância com estudos anteriores, que também destacam os riscos associados, como distúrbios gastrointestinais, insuficiência renal e o preocupante aumento da resistência antimicrobiana (SANTOS et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2018; ROZENFELD, 2003).

A influência de familiares, amigos e vizinhos nas escolhas de automedicação, um achado proeminente nesta revisão, reflete uma dinâmica social que subestima a necessidade de orientação profissional, conforme já apontado por Lima et al. (2020) (LIMA et al., 2020). Essa perpetuação de práticas baseadas em experiências pessoais, em detrimento do conhecimento técnico-científico, evidencia a urgência de fortalecer a educação em saúde e valorizar o papel do farmacêutico como elo fundamental entre a comunidade e o sistema de saúde, promovendo informações seguras e acessíveis (REVISTA JRG, [s.d.]).



Adicionalmente, a análise crítica dos dados revelou que a polifarmácia intensifica significativamente os riscos de interações medicamentosas e agrava a fragilidade clínica dos idosos, um aspecto consistentemente abordado na literatura (MACHADO et al., 2016; DAMASCENO et al., 2024). A banalização do consumo de medicamentos de venda livre, aliada à falta de orientação adequada, contribui para a subvalorização dos sintomas adversos e para a atribuição desses efeitos ao envelhecimento natural, o que dificulta a identificação precoce de problemas relacionados ao uso inadequado de medicamentos.

É fundamental destacar as limitações desta revisão. A inclusão de estudos publicados apenas entre 2020 e 2025, embora garanta a atualidade dos dados, pode ter restringido o universo de pesquisas relevantes, especialmente aquelas que abordam aspectos históricos ou longitudinais da automedicação em idosos. Além disso, a heterogeneidade metodológica dos estudos incluídos, inerente a revisões integrativas, pode dificultar a comparação direta de resultados e a generalização de algumas conclusões. A escassez de estudos primários robustos sobre intervenções eficazes para reduzir a automedicação em idosos no contexto brasileiro também representa uma lacuna importante na literatura.

6 CONCLUSÃO

Esta revisão integrativa da literatura reafirma a automedicação como uma prática complexa e multifacetada entre idosos, com implicações significativas para a saúde pública. Os achados demonstram que fatores como a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, a influência social e a percepção equivocada de segurança dos medicamentos de venda livre contribuem para a alta prevalência dessa conduta. As classes medicamentosas mais utilizadas, como analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos, estão associadas a um espectro de efeitos adversos que vão desde distúrbios gastrointestinais e insuficiência renal até o agravamento da resistência antimicrobiana, riscos potencializados pela polifarmácia.

O estudo ressalta a urgência de abordagens multidisciplinares que considerem as particularidades do envelhecimento e a complexa interação entre aspectos biológicos, sociais e culturais. A valorização da atenção farmacêutica, por meio de ações educativas e acompanhamento individualizado, emerge como estratégia fundamental para promover o uso racional de medicamentos e mitigar os riscos da automedicação. É imperativo que políticas públicas sejam formuladas e implementadas para regulamentar a publicidade de medicamentos, ampliar o acesso a serviços de saúde de qualidade e fortalecer a educação em saúde, garantindo que os idosos recebam informações precisas e apoio profissional adequado.

Futuras pesquisas deveriam focar no desenvolvimento e avaliação de intervenções educativas e programas de atenção farmacêutica adaptados à realidade brasileira, bem como na investigação dos



impactos econômicos da automedicação na saúde pública. A compreensão aprofundada desses aspectos é crucial para embasar estratégias que visem à promoção da segurança, autonomia informada e melhor qualidade de vida para a população idosa.

Reconhecer os riscos associados à polifarmácia e ao uso indiscriminado de medicamentos é apenas o primeiro passo. A verdadeira transformação depende da valorização da atenção farmacêutica como espaço de diálogo, acolhimento e educação continuada, capaz de desconstruir mitos e fortalecer práticas seguras. Ademais, a formulação de políticas públicas que regulem a publicidade, amplie o acesso e eduquem não só os idosos, mas também seu entorno social, emerge como imperativo para um impacto efetivo e duradouro.

Refletir sobre os achados desta revisão integrativa implica reconhecer as lacunas existentes na pesquisa e nas práticas assistenciais, o que reforça a necessidade de investigações futuras focadas na implementação de estratégias educacionais e assistenciais adaptadas à realidade brasileira. Essa trajetória não apenas contribuirá para a redução dos riscos associados à automedicação, mas também para a construção de um cenário onde a saúde do idoso seja preservada com dignidade e responsabilidade coletiva.

Portanto, compreender a automedicação em idosos é essencial para reduzir danos e fortalecer políticas de uso racional de medicamentos no envelhecimento populacional brasileiro.



REFERÊNCIAS

DAMASCENO, M. et al. Riscos do uso indiscriminado de analgésicos e anti-inflamatórios em idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 223-232, 2024.

DE SOUZA, D. G. P. Fatores associados à automedicação em idosos na Atenção Primária à Saúde no município de Montes Claros-MG. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, v. 18, n. 1, p. 15187, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/15187>. Acesso em: 22 de outubro de 2025.

DUARTE, L. R. et al. Hábitos de consumo de medicamentos entre idosos usuários do SUS e de plano de saúde. *Cadernos de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 64-71, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil dos Idosos responsáveis pelo domicílio no Brasil – 2002. Disponível em: <https://atlasescolar.ibge.gov.br/referencias.html>. Acesso em: 31 de maio de 2025.

LIMA, D. M. et al. Automedicação entre idosos: fatores associados e riscos envolvidos. *Revista Brasileira de Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 215-224, 2020.

LIMA, R. S. et al. Mídias digitais e impacto na automedicação entre idosos. *Saúde e Sociedade*, 2020.

LOURENÇO, Rebecca Rodrigues et al. A atuação do farmacêutico frente à prática de automedicação por idosos no Brasil. Centro Universitário Santa Maria, 2024.

MACHADO, M. B. et al. Prevalência de transtornos ansiosos e comorbidades em idosos: um estudo de base populacional. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, São Paulo, v. 65, n. 1, p. 28-35, 2016. DOI: 10.1590/0047-2085000000100.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Saúde da pessoa idosa. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-pessoa-idosa>. Acesso em: 09 de outubro de 2025.

OLIVEIRA, S. B. V. et al. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. *Einstein Journal*, São Paulo, v. 16, n. 4, 2018. DOI: 10.31744/einstein_journal/2018AO4372.

OLIVEIRA, M. A.; FRANCISCO, P. M. S. B.; COSTA, K. S. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 335-345, 2012.

PAIXÃO, D. N. R. et al. O uso irracional de medicamentos por idosos no Brasil. *Revista Ciências da Saúde*, v. 28, ed. 131, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.10702491. Acesso em: 22 de outubro de 2025.

REVISTA JRG. Automedicação na terceira idade: riscos e a importância da orientação farmacêutica. 2021, Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/2474>. Acesso em: 11 de outubro de 2025.

RESEARCHGATE. Automedicação em idosos de um Programa Saúde da Família, Brasil. 2025. Disponível em:



https://www.researchgate.net/publication/270470804_Automedicacao_em_idosos_de_um_Programa_Saude_da_Familia_Brasil. Acesso em: 09 de outubro de 2025.

ROZENFELD, S. Prevalência, fatores associados e mau uso de medicamentos entre os idosos: uma revisão. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 717-724, 2003.

ROCHA, K. B. et al. A visita domiciliar no contexto da saúde: uma revisão de literatura. *Psicologia, Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 18, n. 1, p. 170-185, 2017. DOI: 10.15309/17psd180115.

SANTOS, T. R. A. et al. Consumo de medicamentos por idosos em Goiânia, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 94-103, 2013.

SILVA, C. S. O. et al. Avaliação do uso de medicamentos pela população idosa em Montes Claros, Minas Gerais. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 811-818, 2010.